

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.  
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-  
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-  
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1975

# [RELATÓRIOS DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUSEU DO «ATENEU COMERCIAL DO PORTO»] (\*)

[GERÊNCIA DE 1895] (\*\*)

A gerência que precedeu a do ano que agora finda determinara, oportuna e acertadamente, a realização de um inventário minucioso de todos os documentos reunidos no Museu. (\*\*\*) Era necessário proceder, deveras, a um inquérito pelo qual, obtendo-se uma lista completa e justa do existente, em todas as suas minudências, se corrigissem as indicações, não raro, tumultuárias, dos registos e, a um

---

(\*) De 11 de Novembro de 1893 a 20 de Janeiro de 1900 Rocha Peixoto exerceu, no *Ateneu Comercial do Porto*, os cargos de Bibliotecário e de Conservador do Museu. No espólio do escritor que se guarda na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim conta-se um requerimento do próprio Rocha Peixoto, dirigido ao Presidente da Direcção do *Ateneu*, e datado de 7 de Junho de 1904, onde o ilustre cientista pede uma certidão relativa às suas actividades naquela instituição portuense; na referida certidão, passada no verso do requerimento, o Presidente da Direcção do *Ateneu Comercial do Porto*, Manuel Francisco da Silva, declara que realmente Rocha Peixoto exercera os cargos apontados no seu requerimento [*Vide* as ests. I e II deste vol. III das *OBRAS* de Rocha Peixoto]. Eis por que António Augusto da Rocha Peixoto subscreve, de 1895 em diante, os relatórios das comissões administrativas da Biblioteca e do Museu do *Ateneu Comercial do Porto*. Não se trata, é certo, de relatórios exclusivamente assinados pelo ilustre escritor. Mas, mesmo que tais relatórios constituam textos de grupo, não podem restar dúvidas de que a colaboração de Rocha Peixoto foi neles, pela especificidade das suas funções no *Ateneu*, fundamental e dominante — o que allás nos é garantido, até, pelo estilo dos relatórios, com expressões e termos típicos de Rocha Peixoto.

*Vide* também as notas das pp. 109, 163 e 183 deste vol. III das *OBRAS* de Rocha Peixoto.

(\*\*) Texto publicado in *Relatório e Contas da Direcção do ATENEU COMERCIAL DO PORTO. Gerência do ano de 1895* (Porto, 1896), pp. 56-59.

(\*\*\*) *Relatório e Contas da Direcção do ATENEU COMERCIAL DO PORTO. Gerência do ano de 1894* (Porto, 1895), pp. 11-12.

tempo, se alcançasse um mais próximo conhecimento do estado actual dos objectos arquivados. Logo às primeiras tentativas se verificou o deplorável estado a que tinham chegado, por circunstâncias várias, muitos dos espécimes representativos dos produtos agrícola-ultramarinos. A falta de desinfecções oportunas e ainda a impossibilidade de substituição de objectos facilmente deterioráveis, mercê da carência de reservas de que, infelizmente, este departamento do Ateneu não pode dispor, explicam os estragos que se evidenciam na secção referida.

Pensou-se em acudir ao dano, mas já tardiamente, decerto. Entretanto, procedeu-se a uma revisão meticolosa e empregaram-se as substâncias conservadoras adoptadas em colecções similares.

Mas nem assim se conseguiu salvar o que, naturalmente, estava perdido; só uma substituição remediaria eficazmente o prejuízo acusado.

Exprime, pois, a Comissão, o desejo de se alcançar nova autorização que permita inutilizar os espécimes em adiantado estado de deterioração, procurando-se simultaneamente, por pedidos ou por compra, substituir os objectos incapazes de figurarem nas estantes.

Pela reconhecida importância da secção colonial e ainda por não existir no Porto um Museu especial de produtos ultramarinos, julgamos dever proclamar a conveniência do desenvolvimento desta parte do nosso Museu. O núcleo que existe, sem ser excelente, é, contudo, formado por exemplares de bastante valor e mesmo, alguns, de aquisição difícil ou custosa. Haja em vista, principalmente, a secção etnográfica, e ainda as colecções florestais. Ora dada a amplitude que os regulamentos determinam, e considerando a escassez de recursos disponíveis para um desenvolvimento paralelo de todas as secções que o Museu deve comportar, afigura-se-nos que as colecções coloniais são as que, pelo seu valor em número, natureza e préstimo, merecem um particular desvelo.

Cumpre-nos acentuar aqui os embaraços procedentes da vastidão do programa a que está subordinada esta dependência do Ateneu. As altas e louváveis intenções que o ditaram não corresponde a exígua verba que é possível dispensar-lhe. Daí a estagnação de secções ou séries apenas embrionadas e a ausência completa de elementos em outras ainda para criar. A ideia de um Museu regional de Ciências Naturais, tão simpática como indiscutivelmente prestimosa, encontraria as mesmas dificuldades de execução.

É esta série de obstáculos irremovíveis que nos levou a confiar apenas no desenvolvimento da secção colonial, e pelos motivos expostos,

bem como na secção mineralógica, em virtude do seu programa restrito, tendo em vista, evidentemente, os propósitos do nosso Museu.

Possível que fosse, mesmo, o alargamento da dotação, certo é que, a breve trecho, se deparava com outro embaraço de não menor vulto: a estreiteza de espaço disponível. A nosso ver cumpre cuidar, sobretudo, dos progressos das colecções que traduzem já uma certa importância e conservar o restante sem pretender, louvável mas inexequívelmente, engrandecer, a um tempo, todos os distritos do Museu.

Prosseguindo o inventário iniciado e completando-se a etiquetagem, chega então o momento em que seria oportuna e necessária a remoção dos objectos deteriorados. Isto feito e convergindo para as secções apontadas os auxílios possíveis, alcançar-se-ia, sequer, dar unidades a essas. E embora seja lícito esperar que, em futuro mais ou menos próximo, se obtenha uma satisfatória representação em várias das outras secções, no momento parece que tem mais rápida viabilidade o progresso das partes colonial e petrográfica.

Adoptado este modo de ver que procede, manifestamente, de um juízo fundado no exame detido da actual situação do Museu, não escassearão os auxílios da benemerência privada e ainda das instituições que, no país, têm elementos para secundar o empreendimento.

E pois que aludimos à obsequiosidade que espontaneamente há ajudado e enriquecido algumas das séries expostas na nossa galeria, não deveremos esquecer, como não esqueceríamos, o nome de João Xavier da Mota, um dos mais estrénuos colaboradores das prosperidades da nossa instituição. A este saudoso extinto deve o Museu muitas e valiosas ofertas; aqui inscrevemos, pois, o seu nome como um dos nossos mais prestantes cooperadores, e dolorosamente assinalamos o nosso comovido preito de sinceríssima gratidão.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUSEU:

*Amândio Marques Pinto,*  
Presidente.

*Artur Nogueira Basto,*  
*António Ferreira da Costa Guimarães,*  
Vogais.

*António Augusto da Rocha Peixoto,*  
Conservador.